

PecuariaSul

REVISTA

A FORÇA DA PECUÁRIA DO SUL DO BRASIL



Foto: Equipe PecuariaSul

Ureia na Nutrição de Bovinos

Entenda os detalhes sobre a utilização dessa importante fonte de proteína para os ruminantes

Beef on Dairy

Saiba mais sobre esta nova tendência genética e seus impactos sobre a pecuária de leite e de corte





Cadastre-se em nosso site e receba nossas publicações automaticamente em seu e-mail.



Mas se você é daqueles que não abre mão da revista impressa,

entre em contato por e-mail ou pelas nossas redes sociais para adquirir uma assinatura e receber a Revista PecuariaSul bimestralmente no conforto de casa.



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br

Venha conosco! Juntos somos mais PecuariaSul!



Editorial



Carolina Balbé de Oliveira de Souza

é Veterinária, Mestre em Agronegócios (UFRGS), Doutora em Produção Animal (UFRGS) e Editora da Revista PecuariaSul.

Caros leitores,

Chegamos na sexta edição da Revista PecuariaSul!

Cruzamos a fronteira do estado e fomos a Santa Catarina, estado que conta com uma pecuária cada vez mais profissional e de muitos casos inspiradores. No litoral catarinense visitamos a Fazenda Meia Lua, uma empresa pecuária de ciclo completo que trabalha com produção de carne de alta qualidade e de genética Braford, num excelente modelo de empreendedorismo e gestão empresarial.

Batemos na porta do SENAR/RS, para trazer informação técnica de qualidade e ações que motivem o produtor rural. Lá conhecemos em detalhes o funcionamento do Programa ATeG, que tem tudo para promover uma verdadeira transformação, no sentido de se produzir mais e com maior rentabilidade.

Sempre na busca de informação técnica de qualidade e ações que motivem o produtor rural

Trazemos ainda os artigos sobre recria de fêmeas em pastagens de inverno com suplementação, "Beef on Dairy" mostrando uma tendência mundial na cadeia produtiva da carne e do leite, Cisticercose como uma parasitose de alta prevalência em carcaças no abate, uma super entrevista falando sobre os benefícios de se consumir carne vermelha e encerramos abordando a utilização da ureia na alimentação de ruminantes.

Esperamos que gostem!

Boa leitura! Juntos somos mais PecuariaSul!

Produção, Desempenho e Tecnologia

O MELHOR DO BRASIL ESTÁ AQUI

BRAFORD



CONDE

Montecristo 38-1806

Grande Campeão Nacional 2021

NETUNO

Guapiara BE 1474 FIV

Recordista de vendas em 2020. Destaque no cenário Brangus



BRANGUS

SELECT SIRES



SELECT SIRES DO BRASIL

A fonte da melhor genética

 selectsiresbrasil

Rua São Nicolau, 230 - pavilhão 6B | Bairro: Santa Maria Goretti | CEP 91030-230 | Porto Alegre | RS
Fone: 55 51 3222.9688 - selectsires@selectsires.com.br

 selectsiresdobrasil

 @selectsiresdobrasil

 selectsiresdobrasil

www.selectsires.com.br

Índice

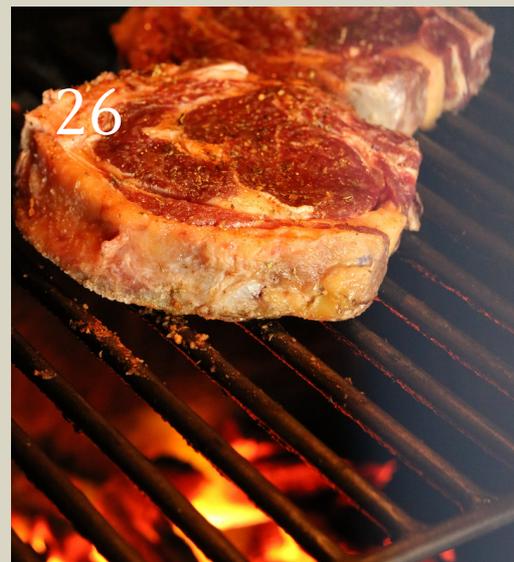
11



22



26



06

PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL - ATEG

Conheça o trabalho desenvolvido pelo SENAR/RS

11

RECRIA EM PASTAGENS DE INVERNO COM SUPLEMENTAÇÃO

03 Editorial

26

ENTREVISTA
Carne Vermelha - De Vilã a Superalimento

17

FAZENDA MEIA LUA

Empreendedorismo e Gestão Empresarial na Pecuária Catarinense

33

Caderno ENCORTE
Cisticercose - Parasitose Silenciosa

22

BEEF ON DAIRY

Saiba mais sobre esta nova tendência genética e seus impactos sobre a pecuária de leite e de corte

39

PecuariaSul Negócios

43

Utilização de Ureia na Alimentação de Ruminantes



Alexandre Prado - Coordenador ATeG
Carolina B. O. Souza - Editora Revista PecuariaSul
Cláudio Rocha - Diretor Técnico SENAR/RS
Alexandre Gourques - Assessor de Comunicação SENAR/RS

Foto: Equipe PecuariaSul

PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL - ATeG

Conheça o trabalho desenvolvido pelo SENAR/RS

A pecuária de corte brasileira é reconhecida mundialmente. Somos orgulhosos por sustentar os postos de maior exportador de carne bovina e de maior rebanho bovino comercial do mundo. Nas últimas décadas, fomos impulsionados pelo trabalho árduo de pecuaristas dedicados e de empresas públicas e privadas que nos trouxeram até aqui, na nobre e essencial tarefa de alimentar um mundo em crescimento constante.

No entanto, o crescimento produtivo dos dias atuais, passa necessariamente pela profissionalização da gestão, pois esse é o principal passo para organizar e racionalizar a utilização das tecnologias de produção disponíveis.

Ao longo dos anos, os desafios técnicos e comerciais foram mudando e atualmente entendemos que o espaço para crescimento está cada vez mais restrito ao incremento da produtividade, com otimização dos recursos existentes, em detrimento do crescimento horizontal puro e simples.

Nossa busca por casos e modelos inspiradores de pecuária tem constantemente se encontrado com o trabalho dos profissionais envolvidos no **Programa ATeG**, além disso, nosso leitor já sabe da importância que damos quando o assunto é gestão. Por isso, fomos até o SENAR/RS para conhecermos os detalhes deste programa que ganha cada vez mais adesão entre os produtores rurais.

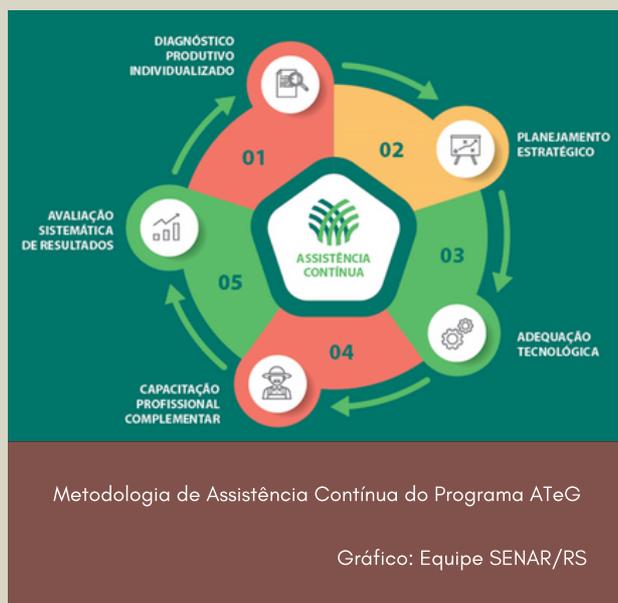
PROGRAMA ATeG

O Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) faz parte de uma estratégia nacional do SENAR, de ampliar sua atuação levando consultoria profissional ao campo, em diversas áreas de produção e de maneira gratuita. Esta estratégia está embasada no levantamento do censo do IBGE de 2017 que identificou que 80% dos estabelecimentos agropecuários brasileiros não recebem nenhum tipo de assistência técnica, num universo de mais de 5 milhões de propriedades rurais, que vão desde pequenos sítios até as grandes fazendas.

No Rio Grande do Sul (mapa abaixo), o programa teve início em fevereiro de 2020 e mesmo após um início lento, em função da pandemia de COVID, atualmente já são mais de 5 mil produtores rurais atendidos, nos distintos segmentos do ATeG. A meta do SENAR/RS é de triplicar essa atuação até o final deste ano, chegando a 15 mil produtores rurais participantes no estado.

A metodologia do Programa ATeG segue um padrão de visitas na propriedade, onde um técnico credenciado pelo SENAR atende o produtor de maneira individual. As visitas acontecem mensalmente durante pelo menos dois anos, período importante para acompanhar o desenvolvimento da propriedade. No Rio Grande do Sul, os técnicos possuem formação superior e recebem treinamento pelo SENAR para desempenhar este serviço de consultoria técnica e gerencial. Atualmente o SENAR/RS conta com 560 técnicos de campo credenciados.





ASSISTÊNCIA CONTÍNUA

O trabalho de levantamento de dados e diagnóstico individualizado do negócio começa logo nas primeiras reuniões, pois, assim como em qualquer trabalho de consultoria, este levantamento inicial serve de base para as demais etapas do processo.

A assistência contínua proposta pelo ATeG segue um fluxo estruturado (gráfico acima) de interação entre o consultor técnico e o produtor rural, sempre trabalhando com sugestões e embasando ao máximo a tomada de decisão que é sempre do produtor.

ACESSO AO ATeG

O SENAR/RS está vinculado a estrutura da FARSUL, que literalmente abre as portas dos sindicatos rurais do estado para o acesso a todos os serviços do SENAR. Além disso, também existe o convênio com a FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) com a função de ampliar esta cobertura, totalizando 163 pontos de acesso.

Tudo funciona sob demanda. As entidades cadastradas organizam os produtores rurais interessados formando grupos, para que o SENAR disponibilize os profissionais necessários para atender na região, de acordo com o segmento demandado. Portanto, o atendimento é individualizado, mas é importante que se formem grupos regionais para o melhor aproveitamento dos recursos contratados pelo SENAR. Também é importante novamente informar que o programa ATeG não prevê nenhuma cobrança ou desembolso financeiro por parte do produtor rural, assim como os demais serviços disponibilizados pelo SENAR.

TRANSFORMAÇÃO

Nesta reunião com a equipe do SENAR/RS, tomamos ciência sobre o quanto um programa como o ATeG pode e deve ser transformador. Não somente para o produtor rural, mas para a sociedade como um todo. O principal objetivo do programa está no **aumento da renda com a atividade rural**, onde o incremento de produtividade deve estar devidamente equilibrado com o investimento em insumos e com os recursos humanos disponíveis.

Este incremento de renda, quando verificado em escala, pode ser capaz de impulsionar a economia nos mais diversos segmentos e fazemos esta afirmação baseados nas palavras do Diretor Técnico do SENAR/RS, Cláudio Rocha - *"Com os exemplos que temos até aqui, com 2 anos e 5.000 produtores sendo atendidos, temos a convicção, desde o Presidente do Conselho até o último Instrutor do SENAR ou Técnico de Campo, que esta forma de atuação veio para ficar. Ela faz a diferença, transforma! Faz com que o negócio seja mais **organizado, sustentável e rentável**. Queremos, cumprindo todos os regramentos necessários, fazer com que sobre mais dinheiro no bolso do produtor rural."*

ATeG NA PECUÁRIA DE CORTE

O programa ATeG está estruturado para alavancar o desenvolvimento nos principais segmentos do agronegócio e na pecuária de corte não é diferente. No Rio Grande do Sul, o programa teve início exatamente por este segmento, onde cerca de **97% dos pecuaristas possuem rebanho menor que 250 cabeças** (Artigo Professor Lobato - Edição 04 - Revista PecuariaSul).

Esses dados evidenciam uma pecuária predominantemente constituída de médias e pequenas propriedades, justamente onde o impacto de um programa desse tipo pode promover as maiores transformações.

Os técnicos do Programa ATeG estão preparados para dar apoio em propriedades de todos os níveis, da mais tecnicada até a que precisa de atenção com questões mais básicas, como a organização do caixa por exemplo.

*"Percebemos que muitas vezes o produtor rural deixa de fazer alguma coisa por desconhecimento. Ele está lá no campo desde sempre, fazendo do jeito dele. No entanto, o mundo segue evoluindo, uma série de exigências foram adotadas e ele não está nem sabendo. O SENAR tem o compromisso de bem informá-lo para adaptá-lo a isto. Para ressaltar aquilo tudo que ele já faz de bom e para adaptar, para organizar aquilo que ainda não está de acordo. Para que este produtor rural tenha **mais renda e qualidade de vida.**"*

Cláudio Rocha - Diretor Técnico do SENAR/RS



Aponte a câmera do seu celular ou clique na imagem ao lado e assista o vídeo institucional do Programa ATeG.



Foto: Equipe SENAR/RS
Granja Cariola - Camaquã/RS

Edição e texto: Equipe PecuariaSul



decoy

Única solução que controla os carrapatos dos animais, da pastagem e do ambiente.

Seu rebanho e o seu pasto livres de carrapatos e a sua produtividade cada vez mais satisfatória. Tudo isso, de forma econômica, eficiente e sustentável por meio de um tratamento completo e estratégico.

QUE TAL TER UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA?

- ✓ Sem período de carência;
- ✓ Não gera pragas resistentes;
- ✓ Seguro para bezerros e vacas prenhas;
- ✓ Favorece o bem-estar animal;
- ✓ Sem veneno;

Quer conhecer os nossos tratamentos?

Envie um WhatsApp para (16) 99759-5747 ou um e-mail para contato@decoysmart.com



decoy | controle biológico com o poder da natureza





Foto: Equipe Pastos & Suplementos

RECRIA EM PASTAGENS DE INVERNO COM SUPLEMENTAÇÃO

Na bovinocultura de corte, a fase de maior impacto para o aumento dos índices produtivos é a **recria**, que é caracterizada por um longo período, devido ao baixo nível nutricional e tecnológico. As fêmeas de corte com idade entre 13 a 24 meses representaram em 2021, 10,6% do rebanho bovino do Rio Grande do Sul (NESPro, 2022) e nessa fase, pode-se antecipar a idade ao primeiro acasalamento, o que reduz o intervalo entre gerações e a participação de animais improdutivos na composição do rebanho.

A recria dessas novilhas acontece, quase na sua totalidade, em campo nativo e a recomendação das estratégias alimentares a utilizar e do seu grau de intensificação, dependem da idade-alvo para o primeiro acasalamento destes animais: 24, 18 ou 12-14 meses de idade.

A redução da idade de acasalamento de 24 para 14 meses de novilhas em recria melhora a eficiência global da produção por reduzir a demanda nutricional da etapa da cria.

No Rio Grande do Sul a área de pastagens naturais reduziu 8,8% de 2006 para 2017, sendo que as áreas de pastagens cultivadas aumentaram 40,3% no mesmo período (IBGE, 2017). Com o aumento das áreas de pastagens cultivadas no inverno, pode-se beneficiar categorias animais de maiores exigências, coincidindo com o período crítico das pastagens naturais, tanto em qualidade como disponibilidade, havendo ainda o desafio na intensificação da produção no período de verão, onde parte das áreas de pastagens naturais foram perdidas para o cultivo de grãos, que cresceram 27,1% de 2011 para 2021, (EMATER-ASCAR, 2022).

Para alcançar o desenvolvimento das novilhas nas idades-alvo, a melhora das condições alimentares dos animais deve incluir o **uso de pastagens cultivadas e/ou o uso de suplementos**, potencializando o ganho médio diário e permitindo que um maior número de novilhas alcance a puberdade com incrementos na taxa de lotação.

A prática de suplementar os animais em pastagens de clima temperado resulta em uma dieta mais equilibrada, possibilitando ganhos de peso mais elevados que aqueles proporcionados pelos nutrientes fornecidos pelo pasto. Também oferece a oportunidade de incrementar o número de animais a serem submetidos ao mesmo regime alimentar e/ou oportunizar um maior desempenho individual dos animais.

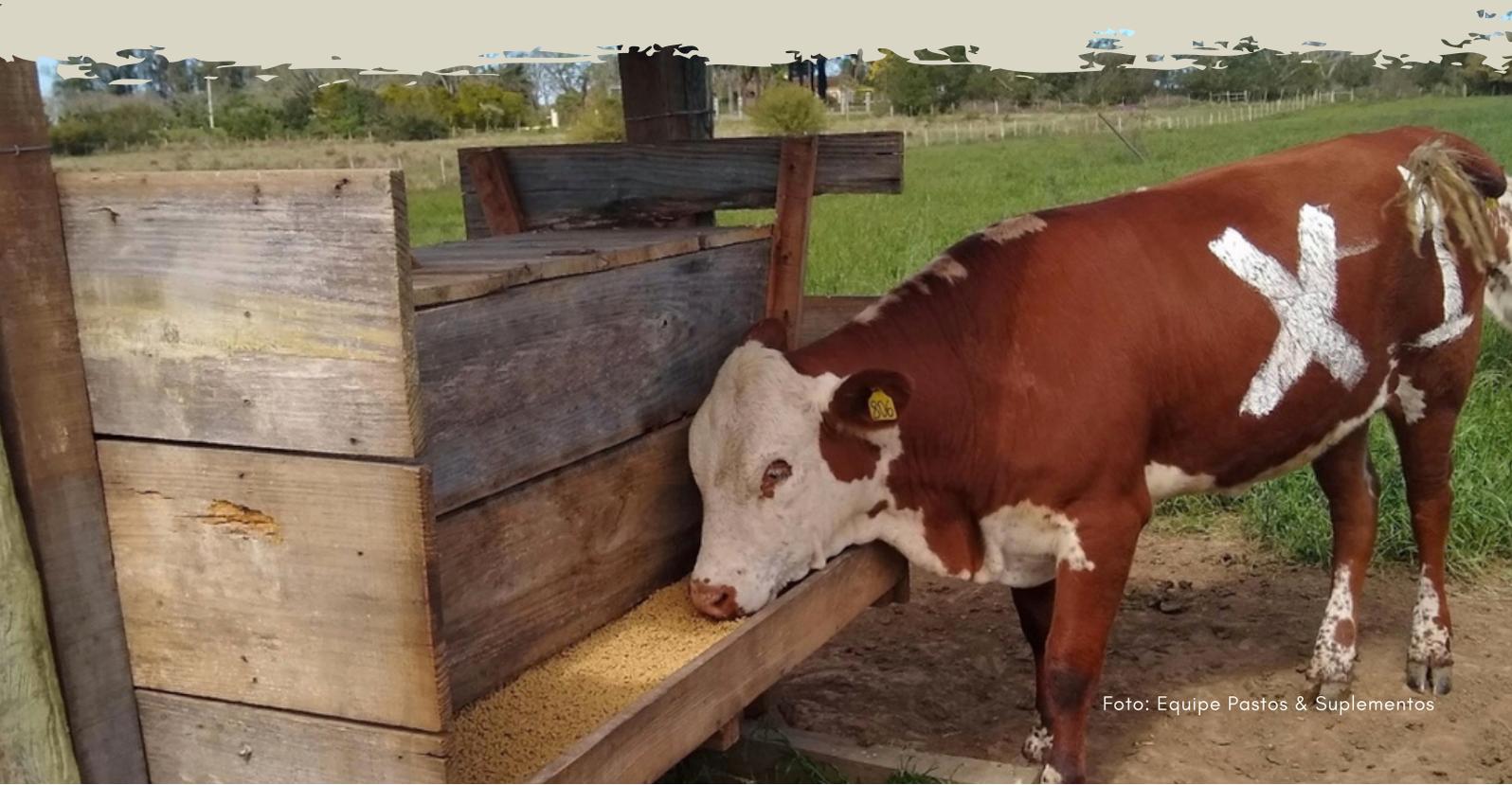
A ingestão total de matéria seca em ruminantes mantidos exclusivamente a pasto é menor do que quando são submetidos à suplementação em pastejo, indicando a necessidade de inclusão de suplemento para que os animais de alta produção expressem seu potencial genético.

O uso de suplementos provoca mudanças na ingestão de MS do pasto, que variam de -1 a 1% do peso corporal (MOORE et al., 1999).

Com a utilização de suplementos energéticos, é esperado aumento na eficiência da produção de terneiros por meio da redução da idade ao primeiro parto, maximização do uso da área e do potencial genético do animal, além da liberação de áreas às demais categorias do rebanho, bem como diminuição do risco da dependência exclusiva das pastagens anuais.

Entretanto, a escolha do suplemento a ser utilizado pelo pecuarista envolve principalmente, dentre vários critérios importantes, **o custo de aquisição**.

Grãos de cereais, milho e sorgo, são tradicionalmente os suplementos mais utilizados para bovinos em pastejo. Para reduzir custos, os resíduos resultantes do processamento de alimentos, com potencial nutricional, também podem ser utilizados como suplementos.



Estes resíduos, com maior controle de qualidade, constituem os **coprodutos de lavoura**. Estes coprodutos possuem viabilidade técnica e econômica na suplementação de bovinos, com grande potencial de expansão nos próximos anos, devido aos grandes volumes produzidos anualmente e ao menor preço por tonelada. A safra gaúcha de grãos, em 2021/22 foi de 7,2 milhões/ton de arroz, 3,4 milhões/ton de trigo e 9,5 milhões/ton de soja (EMATER/RS-ASCAR, 2022). O percentual de farelo é, em média, de 8% para arroz, 8,2% para o trigo e a casquinha da soja representa 7,3% do volume produzido, então a disponibilidade estimada destes coprodutos no ano agrícola mencionado foi de 577 mil toneladas de farelo de arroz, 280 mil toneladas de farelo de trigo e 696 mil toneladas de casquinha de soja. **O grande volume disponível destes materiais facilita sua aquisição por parte dos produtores que buscam intensificar os sistemas pecuários com o uso de suplementos.**

A discussão sobre o tema em questão está embasada nos dados gerados, **de 1999 a 2020**, em trabalhos de pesquisa conduzidos no Laboratório Pastos & Suplementos, do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os trabalhos conduzidos avaliaram novilhas de corte em pastagem de azevém (*Lolium multiflorum* Lam.), recebendo ou não os mais variados tipos de suplementos energéticos. Os conhecimentos foram gerados em experimentos que produziram dissertações de mestrado e teses de doutorado, defendidas no Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da UFSM e orientadas pela Prof. Dra. Marta Gomes da Rocha, coordenadora do Laboratório até o ano de 2020.

A Tabela 1 sumariza o **efeito do uso do suplemento em pastagens hibernais**. A pastagem foi manejada em similar condição de disponibilidade de forragem e cresceu em média 47,9 kg MS/ha. **Os animais apresentaram um ganho 19,5% superior quando receberam suplemento.** Os dados mostram que o suplemento influenciou diretamente no desempenho dos animais, além de reduzir a ingestão de forragem e consequentemente aumentar a taxa de lotação (19,2%), sendo uma ferramenta para o auxílio no manejo das pastagens, proporcionado pelo efeito combinado de adição e substituição. **O ganho de peso por área quando os animais receberam suplemento foi 37,6% maior, reflexo do maior desempenho individual e da maior taxa de lotação.**

Tabela 1: Valores médios das variáveis do pasto, dos animais e por unidade de área da base de dados Pastos & Suplementos

Variáveis	Tratamento	
	Com suplemento	Sem suplemento
Massa de forragem, Kg/ha	1.592,24	1.541,90
Taxa de acúmulo, kg/ha/dia	48,70	47,08
Ganho médio diário, kg/dia	0,980	0,820
Ganho por área, kg/ha/dia	5,56	4,04
Escore de condição corporal, pontos	3,15	3,08
Taxa de lotação, kg/ha	1.324,07	1.110,40

Ao considerarmos um período de 120 dias de utilização do azevém e um ganho de peso por área adicional de 1,52 kg/ha/dia, resultaria em 182,4 kg/ha. **Considerando o preço da novilha de 13-24 meses de R\$ 10,80/kg** (NESPro, 2022), **contabilizaria R\$ 1.971,70 a mais por hectare produzido.** Estabelecendo um “peso alvo” de 300 kg para novilhas em recria, com peso inicial de 200 kg, e com base no ganho médio diário obtido, os animais que receberam suplemento, levariam 102 dias para atingir o peso a puberdade. Em contrapartida, animais que não receberam suplemento levaram 122 dias, o que **representa o ganho de um ciclo estral.**

A redução na ingestão de matéria seca do pasto por unidade de matéria seca do suplemento consumida é conhecida como taxa de substituição. Níveis de suplemento de 0,8% do peso corporal ofereceram as melhores respostas por indivíduo e os maiores ganhos por área foram observados em níveis de suplemento superiores a 1,2% do peso corporal.

O custo da recria é analisado, desde a desmama até a idade ao primeiro acasalamento de 14, 24 ou 36 meses de idade. Nesses custos foram contabilizados o uso do campo nesse período, custo para estabelecimento da pastagem quando necessário, uso de suplementos, mineralização, vermífugo e vacinas. Foi previsto o uso de pastagem de azevém com uso de suplementos para acasalamento aos 14 meses de idade e o uso de pastagem cultivada no primeiro inverno para acasalamento aos 24 meses de idade. Quando acasaladas aos 36 meses, foram mantidas exclusivamente em campo nativo. **O custo foi de R\$ 1.054,30; R\$ 1.663,20 e R\$ 1.692,70; respectivamente para acasalamento aos 14, 24 e 36 meses de idade.** A distribuição destes custos está demonstrada na Figura 1. São apenas custos diretos da recria das novilhas, sem considerar o impacto no rebanho ao acasalar as fêmeas antecipadamente e reduzir categorias improdutivas no rebanho.

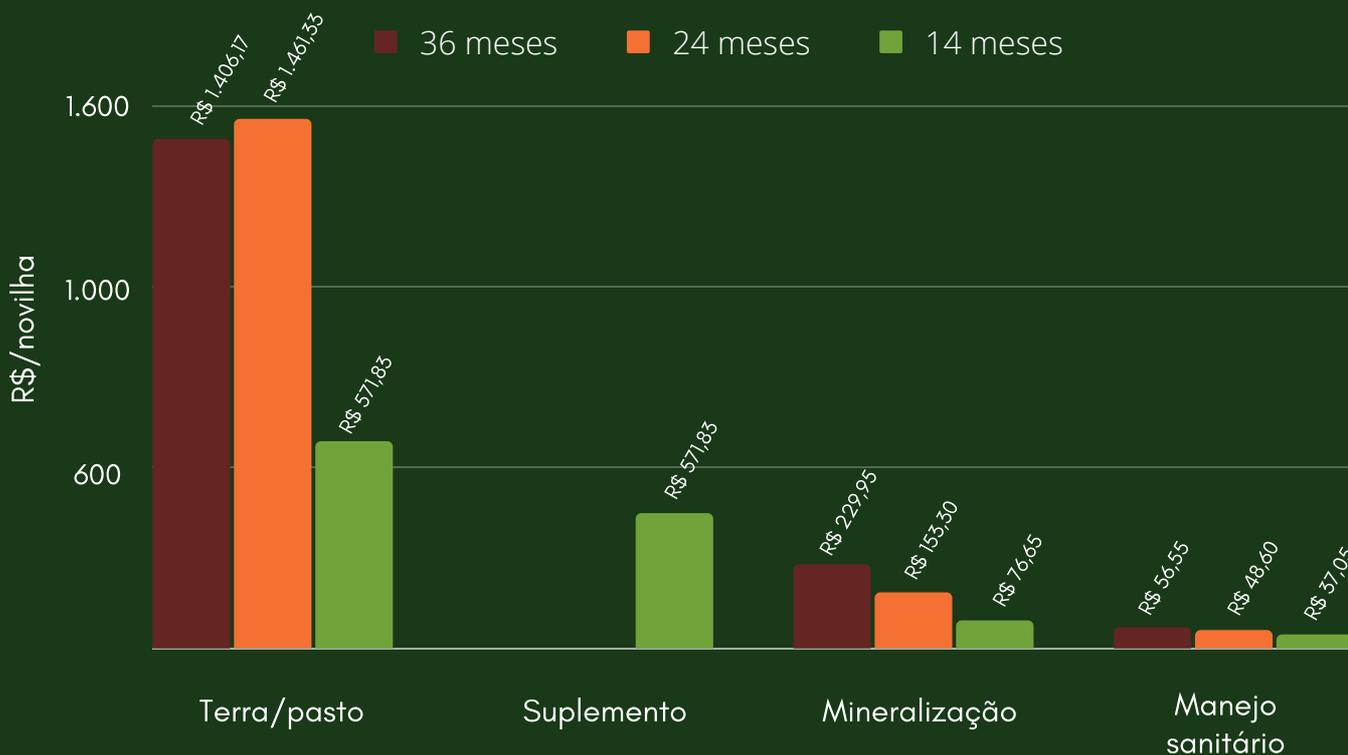


Figura 1: Custo estratificado da recria da novilha para diferentes idades ao primeiro acasalamento. Equipe Pastos & Suplementos



O uso de suplementos para terneiras de corte em pastagem de clima temperado pode ser uma estratégia para proporcionar incremento no ganho de peso individual e por unidade de área, caracterizando a presença dos efeitos de adição e substituição. Ao final do período de utilização das pastagens de clima temperado, terneiras suplementadas apresentam maior altura, escore de condição corporal e peso corporal, sugerindo uma maior probabilidade de redução na idade do primeiro acasalamento que terneiras exclusivamente a pasto.

Foto: Equipe Pastos & Suplementos

Autores:

Luciana Pötter - Zootecnista. Mestre em Zootecnia pela UFRGS e Doutora em Zootecnia pela UFSM. Professora da UFSM. Coordenadora do Laboratório Pastos & Suplementos do Departamento de Zootecnia da UFSM.

Dinah Pereira Abbott Rodrigues - Engenheira Agrônoma. Mestranda em Zootecnia pela UFSM. Membro da equipe do Lab. Pastos & Suplementos da UFSM.

Amanda Carneiro Martini - Zootecnista. Mestre e Doutoranda em Zootecnia pela UFSM. Membro da equipe do Lab. Pastos & Suplementos da UFSM.

Luiz Gonzaga do Amaral Neto - Zootecnista. Mestre e Doutor em Zootecnia pela UFSM. Supervisor em Nutrição Animal - Biotrigo Nutrição Animal.

Bibliografia citada:

Revistas:

AMARAL, L. G. et al. Análise bioeconômica do farelo de arroz na recria de bezerras de corte em azevém. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v. 71, p. 1403-1410, 2019.

BISCAÍNO, Ludmila Leonardi et al. Desempenho de bezerras de corte em pastagem de azevém recebendo farelo de arroz com ou sem monensina. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v. 70, p. 881-887, 2018.

MOORE, J. E. et al. Effects of supplementation on voluntary forage intake, diet digestibility, and animal performance. Journal of Animal Science, v. 77, p. 122-135, 1999.

PÖTTER, L. et al. Produtividade de um modelo de produção para novilhas de corte primíparas aos dois, três e quatro anos de idade. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 27, n. 3, p. 613-619, 1998.

Dissertações/Teses:

AMARAL NETO, Luiz Gonzaga do et al. Sistemas alimentares para a recria de novilhas de corte. 2020. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

Outros:

EMATER/RS-ASCAR. Acompanhamento de safras. Acesso em 24/05/2022. Disponível em:

http://www.emater.tche.br/site/infoagro/acompanhamento_saфра.php#.Yo4fOFTMLIU

IBGE. Censo Agropecuário 2017. Acesso em 24/05/2022. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>

NESPro - Carta Conjuntural NESPro - Bovinocultura de Corte do RS - N.2 (out-dez/2021), Porto Alegre, 2022. 29p.

NESPro. Pesquisa semanal: preços do gado gordo e gado de reposição no RS. Acesso em 24/05/2022. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CdtvJwQOvP_/

ROCHA, M. G. et al. Sistemas intensivos de produção de bovinos de corte - ênfase na recria de fêmeas. Anais...In: XII Ciclo de palestras em produção e manejo de bovinos de corte, 2007, Canoas.

Seu maior desafio é manter a energia do rebanho durante as pastagens de inverno?

Tecnologia

Bovicort Premium Aveia Azevém

- Auxilia na redução e desaceleração da taxa de passagem, melhorando a absorção e o aproveitamento da proteína.
- Melhora o ganho de peso individual.
- Aumenta a capacidade de suporte das pastagens.
- Melhora o ganho de peso por área.



NUCTRAMIX.COM.BR

Siga-nos    @nuctramix

Zootecnista Ricardo Flores Bagolin
e equipe: +55 (55) 9699-1979



Foto: Fazenda Meia Lua - Itapema - SC

FAZENDA MEIA LUA - EMPREENDEDORISMO E GESTÃO EMPRESARIAL NA PECUÁRIA CATARINENSE

Em meados do mês de maio, fomos até a cidade de Itapema em Santa Catarina para visitar a Fazenda Meia Lua, conhecida pelo pioneirismo na criação da raça Braford no estado catarinense.

Fomos recebidos pelo Agrônomo Rafael Momm (sócio administrador da empresa), que trouxe muito de sua experiência com a suinocultura para a produção de bovinos, principalmente no que se refere à melhoria contínua.

A propriedade foi adquirida na década de setenta, mas foi nos anos noventa que o padrão Braford foi adotado definitivamente, inclusive com a aquisição de matrizes puras, que foram acasaladas com touros selecionados para formar a base genética das mais de 270 vacas na cria atualmente.

Os 320 hectares da Fazenda Meia Lua abrigam com harmonia as áreas de mata nativa, de floresta comercial, as áreas de pastagem e de milho para silagem, além de uma pecuária de ciclo completo de cerca de 700 cabeças, num típico exemplo de ILPF de manejo intensivo.

PRODUÇÃO DE SILAGEM

O mapa da fazenda é dividido em áreas de pastagem de aproximadamente 15 hectares. Anualmente, uma destas áreas é destinada a produção de silagem de milho para suprir a demanda da terminação dos novilhos precoces.

A área escolhida recebe todo o esforço de correção e adubação necessários para uma alta produção de silagem.

Este rodízio entre as áreas mantém uma melhora constante na fertilidade e na estrutura do solo, pois no preparo são destinadas pesadas cargas de adubação orgânica originada no confinamento. Após o corte da silagem, a área é destinada a pastagem, geralmente com a implantação de brachiarias e só volta a ser plantada com milho após sete anos com pastagem.

VALOR AGREGADO

Ao conhecermos o sistema de produção da Fazenda Meia Lua percebemos, já nos primeiros minutos de conversa, uma proposta muito clara de se buscar qualidade diferenciada no que se produz, para conseqüentemente agregar valor ao produto na hora da comercialização.

O primeiro exemplo está na produção de carnes. Os machos são desmamados e já classificados para seguir como touros ou para o confinamento (foto), onde são terminados entre 14 e 24 meses de idade, com média de 480 kg de peso vivo e comercializados como novilhos precoces ou superprecoces para programas de carne certificada.

As fêmeas também seguem a mesma proposta do valor agregado, pois são desmamadas e recriadas até o primeiro acasalamento, para serem comercializadas com prenhez confirmada de touros selecionados.

A produção e comercialização de touros também faz parte deste contexto. O trabalho de seleção é permanente e segue rígidos critérios genéticos e fenotípicos, além da busca por animais de alto desempenho a campo e adaptados ao ambiente desafiador onde são criados, principalmente pela alta infestação de carrapatos proporcionada pelo clima quente e úmido do litoral.



Foto: Equipe Fazenda Meia Lua

Além dos touros, a empresa também comercializa matrizes selecionadas, embriões e sêmen. O esforço comercial fica centralizado no **Leilão Identidade Cara Branca**, evento já consagrado nacionalmente que é realizado em Lages/SC, em parceria com a **Fazenda Mãe Rainha** sediada neste município. Contudo, também são comercializados produtos **Braford Meia Lua** no próprio estabelecimento.

GESTÃO E SUSTENTABILIDADE

Uma empresa familiar, que planeja e aplica seus recursos com austeridade, **sempre tentando produzir mais com menos**. Assim podemos definir a Fazenda Meia Lua. A equipe de trabalho é extremamente engajada e comprometida com os projetos da empresa. Esse profissionalismo chama a atenção de empresas parceiras que encontram sempre as portas abertas, como na foto abaixo durante a realização do curso de ultrassonografia reprodutiva, **ministrado pela empresa Fertilivet**, para acadêmicos de medicina veterinária.

Sempre que temos a oportunidade de conhecer uma empresa agropecuária e mostrarmos sua realidade aos nossos leitores, buscamos entender e verificar a presença dos pilares da sustentabilidade. Neste caso não foi diferente. Os aspectos econômicos e sociais mencionados nos tópicos anteriores se somam a um modelo ambientalmente estruturado e eficiente.

A fazenda conta com uma área de cerca de 100 hectares de mata nativa preservada e que garante a proteção das nascentes, do ciclo das águas e de todo o microclima que proporciona maior produtividade e o bem-estar dos animais e também das pessoas.

No entanto, precisamos mencionar que o manejo que mais se destaca no suporte produtivo e ambiental desta propriedade é o plantio itinerante da lavoura de milho para silagem. Pois além de possibilitar uma alta carga animal instalada, este manejo é responsável por manter ativa e renovada uma grande massa fotossintética mitigadora de carbono.

Nas palavras de Rafael Momm, "a agropecuária brasileira é imbatível, tecnológica, sustentável, preservacionista e uma gigante necessária ao mundo".

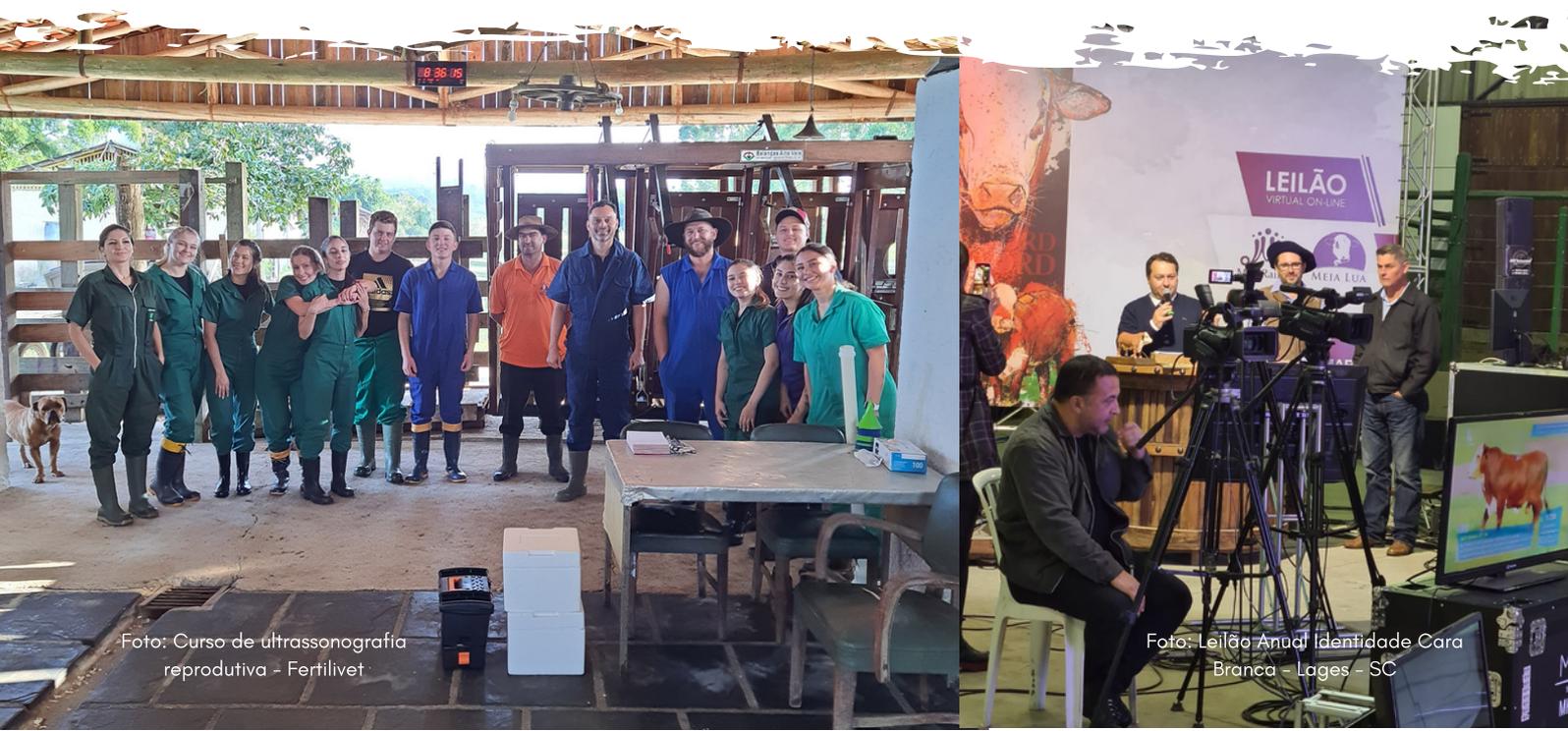


Foto: Curso de ultrassonografia reprodutiva - Fertilivet

Foto: Leilão Anual Identidade Cara Branca - Lages - SC

A RAÇA BRAFORD

O nome de Jacob Momm Filho (in memoriam), pai de Rafael, Humberto, Estefanelli e Marcia, ficou conhecido como um grande incentivador da raça Braford, tanto nacional quanto internacionalmente. A Fazenda Meia Lua foi o primeiro empreendimento na raça Braford em Santa Catarina e uma das primeiras fora do Rio Grande do Sul e conversando com Rafael e principalmente conhecendo a propriedade, pudemos entender muito sobre o porquê desta escolha.

Em primeiro lugar está a situação climática onde a fazenda está inserida. O clima subtropical úmido (média de 1.600 mm de chuva por ano) proporciona um ambiente de alta infestação de ectoparasitas e a escolha de uma raça rústica é fundamental para se poder produzir sem abrir mão da qualidade da carne.

O potencial reprodutivo e a habilidade materna também foram pontos ressaltados em nossa conversa. A prenhez geral se mantém em torno dos 82% a pelo menos 10 anos, com apenas uma estação de monta e desmamando terneiros com média 192 Kg de peso (última temporada).

A evolução do rebanho se deu de forma natural, retendo as melhores fêmeas. Hoje em dia, a comercialização destas fêmeas superiores em qualidade se faz necessária, inclusive pela restrição de área.

Concluimos esta matéria com a percepção de que a Fazenda Meia Lua, já com mais de 40 anos de história, segue em constante evolução, com uma gestão empreendedora, comprometida com os resultados planejados e com as expectativas do mercado em relação aos seus produtos.

Aponte a câmera do seu celular ou clique no QR e acompanhe o deslocamento do gado na Fazenda Meia Lua! →



A Maior Variedade de Espécies Forrageiras do Rio Grande do Sul



Representante/Distribuidor exclusivo Barenbrug, Valfilm/Futurewrapm, Advanta e Quimtia.

A Duagro atende a todo estado do Rio Grande do Sul e conta com equipe técnica qualificada para avaliar a sua propriedade com olhos de quem entende do assunto.

Conte conosco para melhorar a sua produtividade!

☎ (51) 3751-3733 | (51) 9 8041-5252

✉ contato@duagro.com

📍 Rod. RS 129, Km 72, Nº 5744 / Planalto, Encantado - RS

🌐 www.duagro.com



Foto: Accelerated Genetics do Brasil

TENDÊNCIA - BEEF ON DAIRY

Em síntese, Beef on Dairy se trata do uso de sêmen de corte em vacas leiteiras, uma prática utilizada a muitos anos no mercado de gado de leite, mas que vem ganhando grande relevância também para a cadeia produtiva de corte.

Mas por que o uso de genética de corte em gado leiteiro tem tanta importância para criadores, engordadores e cadeia frigorífica do corte?

VAMOS AOS DADOS...

Desde o início desta tendência em 2018 nos USA, o uso de sêmen de corte em vacas leiteiras, chamado Beef on Dairy, cresceu cerca de 120% e atualmente cerca de 70% das doses de Angus comercializadas nos USA são utilizadas para Beef on Dairy, tornando esse seguimento um importante player na cadeia de suprimentos de carne bovina.

Como dissemos antes, além do impactante incremento nas vendas de sêmen, não existe nada de novo, pois quem já comeu carne em países com uma pecuária madura, estabilizada, já deve ter desfrutado de um bom Beef on Dairy sem mesmo ter tomado conhecimento. Já aqui no Brasil, esse seguimento foi por muitos anos desprezado, sendo o macho de leite um produto sem valor em algumas regiões e mesmo o cruzado, um animal com um deságio que poderia chegar a 50% do valor do terneiro de corte.

MAS O QUE MUDOU?

O cenário mercadológico vem mudando, principalmente no sul do país, com o avanço crescente da agricultura sobre áreas tradicionais de pecuária, interferindo diretamente na oferta de terneiros para recria e engorda.

As consequências deste avanço agrícola são evidenciadas numa justa valorização do carneiro, mas por outro lado, ocorre uma redução nas margens do engordador. Passamos por um cenário de certa estabilidade do boi gordo, mas com custos nutricionais aviltantes, tornando assim o animal cruzado uma alternativa mais rentável, principalmente para confinadores das regiões onde há oferta desse produto.

ISSO NA VISÃO DO BEEF, MAS E NO DAIRY, O QUE MUDOU?

Na pecuária leiteira estamos vivendo um momento de ruptura, onde o volume de leite coletado vem aumentando ano a ano, enquanto o número de vacas ordenhadas vem diminuindo, assim como o número de produtores de leite. Isso mostra um aumento da eficiência produtiva paradoxalmente a um cenário mercadológico de margens negativas para o produtor, o que acaba empurrando muitos para fora do negócio e fazendo com que outros busquem mais eficiência e novas alternativas para rentabilizar seu negócio. É aí que juntamos o Beef com o Dairy!

Uma das práticas que ajudaram os produtores de leite a adotar o Beef on Dairy como alternativa de agregação de valor, foi a massificação do uso de sêmen sexado em novilhas, garantindo assim, uma reposição de alta qualidade e liberando as vacas para uso do sêmen de corte, o que por si só, já representa uma economia em custos de inseminação. Esta prática, além de agregar renda, ajuda no avanço genético do rebanho, pois parte-se do princípio que as novas gerações são superiores geneticamente, acelerando desta forma o ganho genético, explicando em parte o salto de produtividade.



Neilor Consentino Fontoura

é Médico Veterinário formado pela UFSM e Coordenador Técnico-Comercial/RS na Accelerated Genetics do Brasil.

E A QUALIDADE DO PRODUTO BEEF ON DAIRY?

Quando falamos sobre o produto do cruzamento entre uma vaca leiteira e um touro de corte, muitos imaginam um carneiro pintado, descarnado, com baixo desempenho de engorda e sem qualidade de carne. Nada poderia ser mais equivocado!

Na maioria das vezes, fenotipicamente o produto desse cruzamento é um carneiro preto, no máximo com algumas pintas. Porém, este produto pode ser desvalorizado quando da ocorrência destas pintas, o que pode ser resolvido com a eleição de um touro homocigoto para pelagem preta.

No entanto, além da pelagem, outras características devem ser observadas em um touro para garantir a produção de um bom Beef on Dairy:

Fertilidade - nada vale mais em um tambo que uma vaca prenha, altas taxas de prenhez significam muitas vacas em um futuro pico de lactação, portanto, é fundamental o uso de sêmen de touros com elevada fertilidade;

Baixo peso ao nascer - um dos grandes desafios de qualquer vaca é o momento do parto, não podemos correr o risco de perder uma vaca, uma lactação ou um terneiro, portanto facilidade de parto é fundamental;

Características de desempenho - características de crescimento são importantes para sistemas intensivos com alto custo nutricional, como por exemplo: peso a desmama, peso ao ano.

Características de carcaça - além do peso de carcaça, são imprescindíveis as características de marmoreio, área de olho de lombo e cobertura de gordura, pois elas que garantem no final do processo a qualidade esperada da carne.

Para os ainda céticos quanto a possível qualidade do Beef on Dairy, podemos citar o resultado recente de um programa de Certificação de Ponta a Ponta, realizado pelo nosso grupo nos USA, onde terneiros Beef on Dairy, frutos de touros selecionados para o programa, foram certificados logo no nascimento, enviados para propriedades de terminação após o desmame e então abatidos, resultando em **87% de certificação para o programas Angus**, coroando a etapa final do projeto.

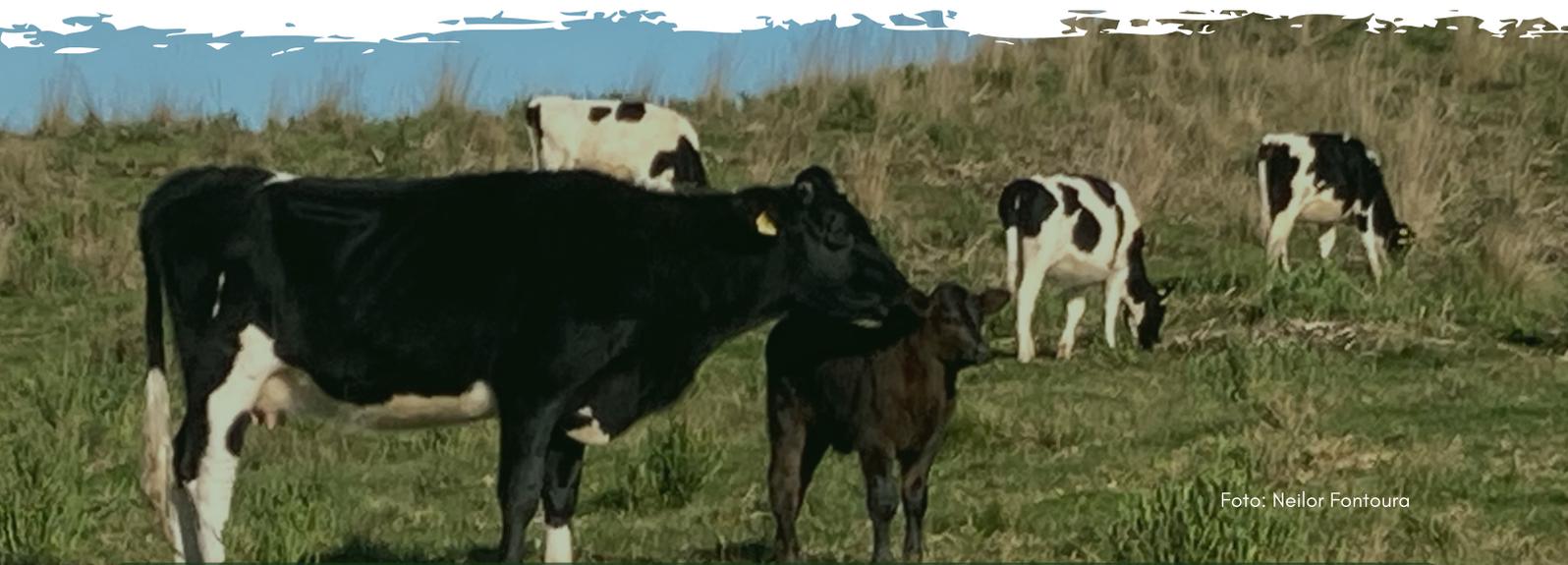


Foto: Neilor Fontoura

Por fim, entendemos que com a técnica correta, o Beef on Dairy pode agregar na cadeia de suprimentos da carne bovina, entregando um produto de desempenho e qualidade, abrindo inclusive novos mercados para os produtores de genética que souberem entender as necessidades e potenciais desse mercado que veio para ficar.

ACELERE SUA PRODUÇÃO COM A BATERIA

ACCELERATED GENETICS

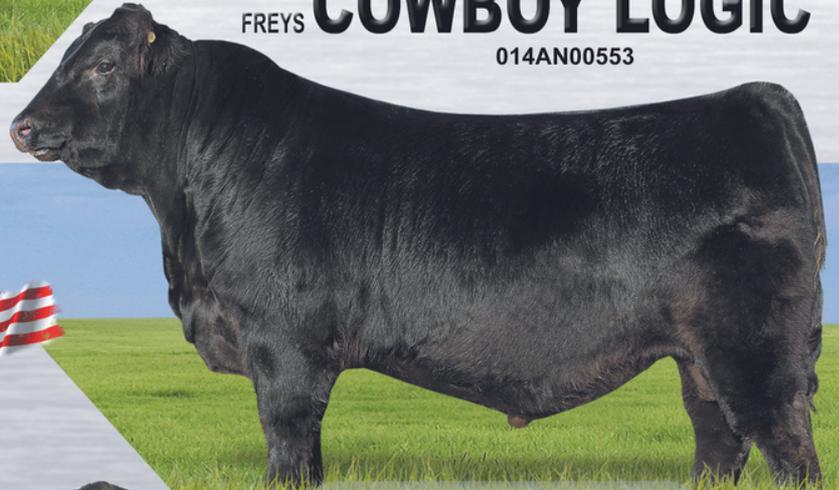
TEHAMA **TAHOE** B767
014AN00502



Upward x Final Answer



FREYS **COWBOY LOGIC**
014AN00553



Cowboy Up x Bobcat

AAR **RUSSELL** 7098
014AN00534



Resource x Franklin



AcceleratedGenetics[®]



CARNE VERMELHA - DE VILÃ A SUPERALIMENTO

Nos últimos anos muito se tem discutido sobre o consumo de carne vermelha e seus impactos na saúde e no meio ambiente. Informações distorcidas ou sensacionalistas têm gerado muita polêmica, principalmente nas mídias sociais. Campanhas como “segunda sem carne”, “coma menos carne e salve o planeta” entre outras, que levam a frente muitas vezes empresas de renome como a cervejaria Heineken, a Natura e até mesmo a Unimed, instituição que deveria justamente elucidar seus clientes no sentido de melhor saúde, se comprometem de forma muito equivocada no que tange a esse assunto.

A grande notícia é que nos últimos tempos, a ciência vem desfazendo uma das maiores injustiças que já se cometeu contra um alimento. A verdade é que a carne vermelha não é a vilã como muitos citam. A produção e o consumo de carne vermelha são benéficos para toda população, pois este é alimento essencial para a saúde do ser humano. Cada vez mais pesquisas demonstram que reduzir o consumo da carne não é a solução dos problemas, mas devemos sim, consumir e produzir de maneira consciente.

Nesta edição conversamos sobre os benefícios do consumo de carne vermelha com a Zootecnista, Professora **Daniele Furian Araldi**.

Lucas - Cada vez mais se tem falado em “qualidade da carne” e quando pensamos sobre isso, logo nos vem à cabeça aquelas características que buscamos no produto final de forma evidente, como uma carne macia, suculenta, com sabor agradável e com cobertura de gordura adequada, mas, qualidade de carne se resume somente a isso?



Lucas Carvalho Siqueira

é Veterinário, Mestre e Doutor em Fisiopatologia da Reprodução (UFMS) e Pós-Doutor em Medicina Populacional na Cornell University (USA). Sócio-Prop. da Empresa Pró-Pecuária e faz parte do Conselho Técnico da Revista PecuariaSul.

Daniele - O termo qualidade de carne é bastante amplo. Quando falamos do alimento carne “de qualidade”, é natural que rapidamente venha à nossa cabeça características **organolépticas** (maciez, sabor, suculência), quando vamos comprar “a carne”, a cor é o que nos atrai. E quando sentimos o cheiro de um assado de carne, salivamos. A carne é um dos poucos alimentos que fazem a maioria dos seres humanos salivar de forma intensa.

Todas essas características organolépticas têm certificação em programas de qualidade de associações de raça, como por exemplo a Carne Angus e a Carne Hereford. E associado a garantia de qualidade organoléptica, algumas associações já buscam a certificação ambiental, ou seja, os selos de sustentabilidade.

O termo **qualidade nutricional** também é importante. A carne vermelha deveria ser considerada um **superalimento**, pelo seu alto valor nutricional. Ela é rica em diversos nutrientes fundamentais para o bom funcionamento do organismo (depois vamos falar mais sobre essa qualidade).

Outra questão importante é a **qualidade sanitária** da carne. Para chegar a mesa do consumidor ela passa por inspeção federal, estadual ou municipal, sendo que metade da nossa carne é de inspeção federal. A inspeção sanitária confirma segurança alimentar ao consumidor.

Temos a **qualidade ambiental** que muito tem se falado nos últimos tempos. E isso implica desde a abordagem da produção dos gases do efeito estufa, até a produção de carne em áreas de desmatamento, principalmente no bioma da amazônia.

Por fim, chegamos na **qualidade social** do produto carne, que engloba o bem-estar, tanto do consumidor ao ingerir uma carne de qualidade, quanto o bem-estar animal. Inclusive, entrando aí a questão do trabalho escravo, do trabalho infantil e ainda por vezes indústrias que desconsideram direitos dos trabalhadores.

Então, a resposta da pergunta é NÃO. Uma carne de qualidade não é somente o produto final, ou seja, aquela carne macia e suculenta, mas sim, perpassa por características organolépticas, nutricionais, sanitárias, ambientais, de bem-estar e sociais.

Lucas - Entrando na qualidade social, as dietas com pouca ou nenhuma inclusão de produtos de origem animal vem ganhando muitos adeptos. Em alguns casos usam a justificativa que alguns produtos, em especial a carne, o leite e até os ovos são produzidos explorando os animais em condições de pouca dignidade. Podemos entender isso como verdade para a realidade brasileira?



Daniele Furian Araldi

é Zootecnista e Mestre em Produção Animal pela UFSM.
Professora da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

Daniele - É importante destacar que todos nós, que trabalhamos na produção de alimentos de origem animal, seja da área técnica (veterinária, zootecnia...) ou produtores rurais, com raras exceções, passamos toda a nossa vida profissional trabalhando justamente para garantir boas condições de alimentação, de sanidade, de ambiência e de genética aos animais. Por quê? Pelo simples fato que, para garantirmos a produção, temos que garantir antes o bem-estar animal.

Precisamos garantir as suas necessidades, garantir as cinco liberdades do bem-estar animal. O animal deve estar livre de fome e sede, livre de dor e de doença, livre de desconforto e ter liberdade de movimentação e estar livre de estresse.

Enfim, são liberdades que vão garantir o bom status nutricional, sanitário, ambiental, e de comportamento dos animais. Sabemos que, se não garantirmos para o animal essas "liberdades", ele não vai nos dar retorno econômico.

É muito simples compreender essa questão: uma vaca que não esteja na sua zona de conforto térmico, não vai ter uma boa produção de leite. Um novilho de corte que não tenha garantido essas cinco liberdades, não vai apresentar ganhos médios diários altos num sistema de confinamento, por exemplo. Precisamos entender que a ciência trabalha de forma muito intensa para reduzir todos os impactos que venham a coibir essas liberdades dos animais. Nós, técnicos e produtores, diariamente buscamos reduzir impacto ambiental, minimizar os impactos do mal-estar animal, garantir melhor e maior qualidade dos alimentos e também segurança alimentar. Obviamente que, para garantir a viabilidade econômica da produção, a contrapartida é o bem-estar animal.

Lucas - Falando em qualidade nutricional, as dietas sem a inclusão de alimentos de origem animal, com outras fontes de nutrientes como grãos ou vegetais, garantem uma nutrição adequada ao consumidor? O que você pode nos dizer sobre isso?

Daniele - A primeira coisa que quero dizer é que respeito qualquer opção em relação à alimentação, principalmente no que tange o gosto pessoal. Porém, podemos afirmar que a carne, com todas as suas qualidades, pode ser considerada um **superalimento** (lembrando que aqui nos referimos a carne in natura, não a carne processada). Vamos detalhar um pouco mais sobre esse superalimento. Primeiro ponto importante: a carne apresenta um alto teor de **proteína** de alto valor biológico, pela disponibilidade de todos os aminoácidos essenciais para nós, humanos. Além disso, alcançando de 95 a 100% de digestibilidade da sua fração proteica. Para se ter uma ideia, ao consumirmos um bife de 100 gramas estaremos ingerindo em torno de 30 a 35 gramas de proteína, quantidade essa que já atende mais de 50% da necessidade proteica de um adulto. Isso é uma questão importante em termos de qualidade nutricional de carne. Em relação a gordura, além de fornecer energia é importante fonte de **ácidos graxos essenciais**, de **colesterol** (20% da nossa necessidade vem da dieta) e de **vitaminas** lipossolúveis (a carne apresenta todas as vitaminas lipossolúveis). Aqui destacamos a vitamina A, pois todos os alimentos de origem animal são fontes de vitamina A biologicamente ativa e a carne é com certeza, um produto rico nessa vitamina.



Falando sobre vitaminas hidrossolúveis, talvez esteja aí uma das maiores vantagens da carne perante o consumo de alimentos de origem vegetal. Ela é muito rica em vitaminas do complexo B (tiamina, riboflavina, nicotinamida, piridoxina, ácido pantotênico, ácido fólico, niacina, cobalamina e biotina), mas a importância toda gira em torno da cobalamina, a chamada vitamina B12.

A carne tem alta disponibilidade dessa vitamina, a qual é responsável pelo adequado funcionamento do sistema nervoso, entre outras inúmeras funções que vão estar atreladas a isso, como formação das células vermelhas do sangue, função imunológica, etc. A carne e outros produtos de origem animal, são fontes exclusivas dessa vitamina. Nós não encontramos essa vitamina em nenhum produto de origem vegetal ou quando encontramos, ela não tem disponibilidade para nós humanos. É importante citar que existem vários trabalhos que associam correta ingestão de vitamina B12 a um maior desenvolvimento de habilidades cognitivas.

Quanto aos minerais, a carne é fonte de ferro. Importante salientar que a deficiência desse mineral é uma das principais doenças carenciais do planeta. Costuma-se muito comparar a carne com o espinafre, que é um alimento também rico em ferro e de acordo com a tabela de hortaliças da Embrapa, 100 gramas de espinafre têm em torno de três miligramas de ferro e as mesmas 100 gramas de carne apresentam em torno de 2,5 miligramas do mineral. Muitas pessoas pensam: “então o espinafre tem mais ferro”. Porém, devemos avaliar o aproveitamento desse mineral pelo organismo humano.

No espinafre o aproveitamento do ferro disponível não chega a 2%. Na carne, 20% do ferro é aproveitado. Então, precisamos estar atentos as meias verdades e avaliar cuidadosamente as informações nutricionais de algumas hortaliças, que podem apresentar alta

disponibilidade de minerais, que por vezes são de baixa digestibilidade para nós, ao contrário do que temos nos alimentos de origem animal.

A carne é fonte de zinco e sua deficiência também gera uma importante doença carencial, que é problema de saúde pública em vários países, principalmente da América Latina. A carne é um alimento com grande quantidade de zinco, além de ser fonte também de selênio, potássio, fósforo e magnésio e de outros nutrientes que pouco se fala, como a creatina e a coenzima Q10, que auxiliam nos processos imunológicos.

Outro ponto importante sobre a qualidade nutricional da carne que gostaria de destacar é em relação a gordura. Metade da gordura é do tipo monoinsaturada, que é a mesma gordura que observamos nos óleos vegetais. A outra metade é gordura saturada, que foi por muito tempo, considerada a grande vilã das dietas.

Antigamente, por erros nas conclusões de experimentos “observacionais”, eram feitas associações entre pessoas que consumiam mais carne e, principalmente, carne gorda correlacionando a várias doenças.



Foto: Equipe Pró-Pecuária

Porém essas pessoas eram as mesmas que não faziam exercícios físicos regulares, consumiam álcool, fumavam, etc. Desta forma, era complicada a conclusão de que era a carne ou era o excesso de gordura da carne, principalmente a gordura saturada, que estava levando essas pessoas a adoecer. Anos mais tarde, quando começaram os estudos clínicos randomizados (mais confiáveis sob algumas óticas) não encontraram relações que mostram ou que sustentam que o consumo de carne vermelha faz mal para a saúde ou que esteja associado a câncer ou problemas cardíacos (infarto/ateroma).

Os últimos trabalhos vêm quebrando muitos paradigmas e garantindo tranquilidade aos consumidores de carne vermelha. Trabalhos recentes conduzidos na Europa apontam que o consumo diário de carne vermelha por pessoas idosas reduz a sarcopenia. Esses são alguns exemplos de trabalhos que vêm desmistificando o que se falava antigamente.



Foto: Equipe Pró-Pecuária

Hoje há várias indicações para uma mudança na pirâmide alimentar colocando a carne vermelha em um lugar de honra.

Lucas - Falando em qualidade ambiental, se as pessoas deixarem de comer carne e/ou produtos de origem animal, estarão melhorando o meio ambiente? Podemos afirmar que o impacto ambiental será menor?

Daniele - A resposta é não. Estamos cada vez mais longe de afirmar isso. Os rumimantes, através da fermentação ruminal (na qual transformam alimentos de baixo valor biológico como o pasto, em alimentos de altíssimo valor biológico como o leite e a carne), produzem os gases do efeito estufa (GEE) metano e dióxido de carbono. Isso é fato e não podemos negar esse fato. Esses gases formados no rúmen são eliminados pelo processo de eructação e não da forma que dizem os sensacionalistas, “o pum do boi”, na verdade é o “arroto do boi”.

Assim, os GEE acabam indo para o meio ambiente. Porém, esse impacto na verdade pode ser mínimo quando temos um sistema produtivo alicerçado em: **boa genética** - animais bons transformadores de pasto em carne ou pasto em leite; **bom status sanitário** e um **bom manejo de pasto** - a pastagem, quando bem estabelecida, com uma boa disponibilidade forrageira, estará, a partir do seu processo de fotossíntese, consumindo o carbono que está na atmosfera, proveniente do gás metano e do dióxido de carbono. Ou seja, há um balanço.

Com uma gestão eficiente do solo e do pasto, o manejo adequado das pastagens e dos animais, é possível sim minimizar os impactos ambientais e ter uma pecuária conduzida de forma sustentável. Pesquisadores da Embrapa já demonstraram que, ao se considerar o sequestro de carbono nas propriedades bem manejadas, as emissões dos gases diminuem e, em certos casos, zeram.

Lucas - É possível, nos próximos 20 anos, alimentar o planeta terra, com alimentos de baixo custo sem a indústria de produtos de origem animal?

Daniele - Todo o debate que se faz deve estar ancorado em verdades e não “meias verdades”. Acima de tudo, baseado em dados e informações científicas. Quando se fala em “alimentar” a população, talvez sim, seja possível sem a indústria de produtos de origem animal. Mas, quando a gente fala em **nutrição** das pessoas pensando na saúde, no bem-estar, a resposta é: MUITO DIFÍCIL! Muitos trabalhos mostram que o consumo de carne é essencial para a vida e está relacionado a menores índices de depressão, a melhora da saúde e do bem-estar das pessoas. Porquê? Porque nós somos seres onívoros. Somos animais humanos e anatomicamente possuímos um trato digestório adaptado para uma alimentação baseada em produtos de origem animal e vegetal. Temos um intestino delgado longo, além de várias outras características anatômicas e fisiológicas adequadas para digerirmos proteínas de origem animal. Por exemplo, a quantidade de ácido clorídrico liberado quando um alimento cai no estômago. O ácido clorídrico é produzido para baixar o pH e esse pH extremamente baixo, serve exatamente para facilitar a digestão, principalmente de proteínas de origem animal. Isso deixa evidente a necessidade e a capacidade de consumirmos produtos de origem animal.

Precisamos entender que para nutrir uma pessoa deve-se ter **equilíbrio**, não só o consumo de produtos de origem animal, mas também produtos de origem vegetal, como frutas, algumas hortaliças, cereais e etc. Esse equilíbrio é necessário quando pensamos na nutrição e na saúde da população e conseqüentemente, na redução de doenças diretamente ligadas à alimentação errada. A má alimentação está associada ao desenvolvimento de diabetes, pressão alta, entre outras doenças, que estão cada vez mais crescendo.

Existe em nosso meio uma grande falta de informação em relação ao que realmente significa “consumir ou não carne vermelha”. Sofremos quase que diariamente um bombardeio de notícias que podem confundir pessoas leigas e até mesmo atrapalhar uma cadeia produtiva que gera milhões e que vem crescendo muito nos últimos anos. Precisamos entender e divulgar que essa cadeia produtiva é que disponibiliza **ALIMENTO DE VERDADE PARA AS PESSOAS**.

A pecuária sul é uma grande potência no mercado de carne sustentável e de qualidade. Para cada vez mais alcançar o grau de excelência, é necessário muito investimento em busca de novas tecnologias em nutrição, pastagem, manejo sanitário, genética e bem-estar. A Pró-Pecuária atua como facilitadora do sucesso do seu empreendimento agropecuário. Partimos de um diagnóstico da realidade para chegar nas melhores soluções, para o seu negócio produzir melhor.

Buscamos garantir um ambiente saudável e confortável para que todos possam expressar todo o seu potencial produtivo.

Quer saber mais sobre nosso trabalho?
[@pro.pecuaria](https://www.instagram.com/pro.pecuaria)



Caderno

ENCORTE



CISTICERCOSE - PARASITOSE SILENCIOSA

Estar sempre atento ao seu rebanho, seja na lida diária ou no acompanhamento dos resultados de abate, é uma forma de minimizar vários problemas. Dentre eles estão as doenças que podem acometer esses animais levando a uma grande perda econômica como resultado final.

A cisticercose é uma doença causada pelo parasita - *Cisticercus bovis* - que traz grande prejuízo ao produtor. É uma parasitose silenciosa e sem diagnóstico clínico possível.

O pecuarista só percebe a doença no rebanho durante o abate dos animais na inspeção post mortem, onde são detectados os cistos do parasita. Assim que identificada, o prejuízo financeiro é imediato.

CICLO DO PARASITA

Corresponde a uma enfermidade cuja principal característica é a presença de cistos parasitários da tênia *Cisticercus bovis* na musculatura estriada esquelética da carcaça e de alguns órgãos dos bovinos (hospedeiro intermediário). Este cisto faz parte de uma fase do ciclo da *Taenia saginata* (solitária), verme chato, medindo de 4 a 6 metros sendo encontrado no intestino de seres humanos (hospedeiros definitivos) parasitados.

Para que as duas parasitoses ocorram é necessário que o ciclo se complete nas duas fases, a teníase e a cisticercose.

A cisticercose humana é adquirida pela ingestão acidental de ovos viáveis da *Taenia saginata*, ou seja, um humano se contamina acidentalmente com suas fezes ou com fezes de outro humano parasitado pela *Taenia saginata* adulta, que esteja expelindo proglotes maduros e com ovos viáveis. A teníase ocorre em humanos que se alimentam de carne crua ou mal cozida com cisticercos viáveis.

Quando estabelecida a infecção intestinal, cresce uma *Taenia* conhecida como "solitária" que em poucos meses irá liberar partes de seu corpo (segmentos ou proglótides) contendo aproximadamente 200 a 700 mil ovos liberados diariamente nas fezes humanas, que se defecadas em esgotos que se ligam diretamente à riachos sem qualquer tipo de tratamento ou diretamente no pasto, se tornam foco de infecção para os bovinos ao pastejarem em beiras de sanga ou nos campos.

No Brasil, acredita-se que a prevalência da cisticercose bovina está entre 0,7 e 5,3%, dependendo do desafio local. Estima-se que cerca de 77 milhões de pessoas em todo mundo estejam infectadas com teníase (*Taenia saginata*), sendo as populações de maior risco as aldeias indígenas, assentamentos, populações ribeirinhas, vilarejos e sítiantes onde o acesso ao saneamento é mais restrito ou inexistente.

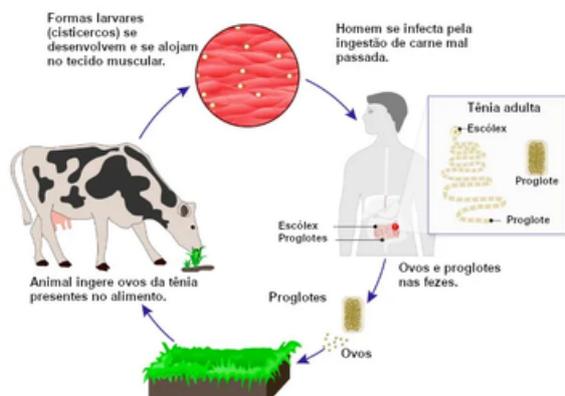


Figura 1: Ciclo da Cisticercose. Fonte: SANTOS, V. S. Teniase; Brasil Escola

A proximidade de populações humanas e seus dejetos podem trazer riscos para os sistemas de criação a pasto ou terminação em confinamento, aumentam as chances de contaminação das pastagens, água e alimentos contaminados com ovos de *Taenia* oferecidos acidentalmente aos bovinos.

O despejo do esgoto das populações ribeirinhas e das vilas nos rios e córregos sem tratamento e que permitam o acesso de animais para dessedentação, predispõe a rebanhos com maior prevalência para cisticercose adquirida durante a cria, recria e engorda, mas identificadas apenas durante o abate.

PREVENÇÃO E CONTROLE

Para tratar e controlar a cisticercose bovina é preciso identificar se o rebanho corre riscos ou não, através da identificação de fatores como a fonte de água dos animais, rios ou córregos que receberam dejetos de cidades, vilas e assentamentos, bem como o trânsito

frequente de pessoas contaminando os pastos onde os animais se alimentam.

No caso dos confinamentos é importante identificar se há fatores de risco dentro do sistema e a origem dos animais, acompanhando o abate, monitorando e correlacionando os resultados aos lotes e suas origens.

Dentro deste cenário, torna-se de suma importância o desenvolvimento de um programa de sanidade animal para o controle de enfermidades que causam perda de produção e produtividade à pecuária nacional, como é o caso da cisticercose. Recomenda-se no mínimo três aplicações de vermífugo a base de Sulfóxido de Albendazole aos 90, 60 e 30 dias antes do abate, para que o medicamento inviabilize os cisticercos, assim evitando condenações das carcaças nos frigoríficos.

O tempo de exposição do animal a tratamentos é fundamental para a maior eficácia. Uma vez que o cisto está visível na carne dos animais, são necessários em média 50 dias para sua calcificação. A calcificação é uma condição dependente da imunidade do animal e decisiva para os critérios de classificação de carcaças durante o abate inspecionado e que conseqüentemente pode acarretar em prejuízos para o pecuarista.



Foto: Propec Consultoria de Abate

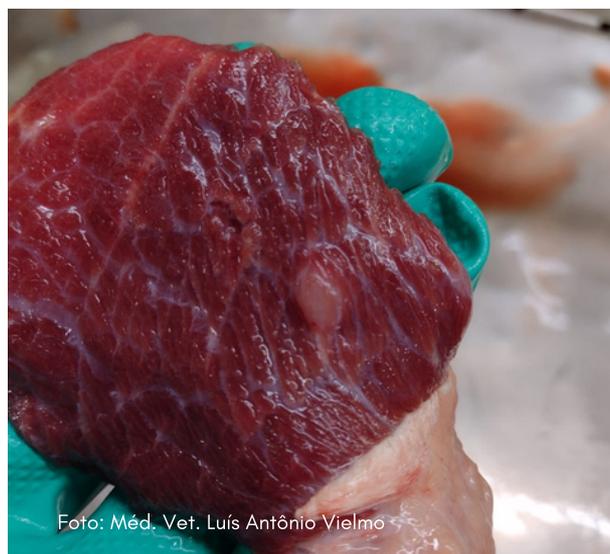
VISÃO DO AUDITOR FISCAL FEDERAL AGROPECUÁRIO

"Minha ótica é que o tratamento dos bovinos não é a forma mais eficaz de controlar o problema, temos visto produtores acompanhando abates justamente pela questão econômica (descontos em carcaças que são destinadas ao tratamento pelo frio, conserva ou graxaria) com o intuito de verificar se os tratamentos realizados por eles nas propriedades surtiram efeito e em muitos casos, o resultado não é o esperado ou é decepcionante. Falo isso porque foram relatados vários nomes comerciais pelos mesmos, do princípio ativo Sulfóxido de Albendazole e a eficácia não é de 100% em nenhum deles, mesmo em doses dobradas, das quais inclusive há relatos de intoxicação e morte dos animais.

Com o novo RIISPOA e consequente correção do critério de julgamento, o destino às carcaças agora será dado corretamente (após o vencimento do prazo da IN 121, de 26/02/2021), pois encontrando-se de um até oito cistos viáveis, os calcificados nos órgãos de eleição ou na carcaça, deveram ser destinadas ao tratamento pelo frio ou pelo calor (esterilização), pois em Tese de Mestrado defendida pelo Médico Veterinário e Auditor Fiscal Federal Agropecuário Lauro Vicente Campello Rodrigues, foi concluído que uma carcaça que fosse destinada ao DIF (Departamento de Inspeção Final) por apresentar um cisto calcificado nos seus órgãos de eleição, a mesma ao ter a sua musculatura fatiada em finas lâminas ainda foram encontrados mais cistos viáveis e calcificados nestes cortes, justificando-se o tratamento relatado acima.

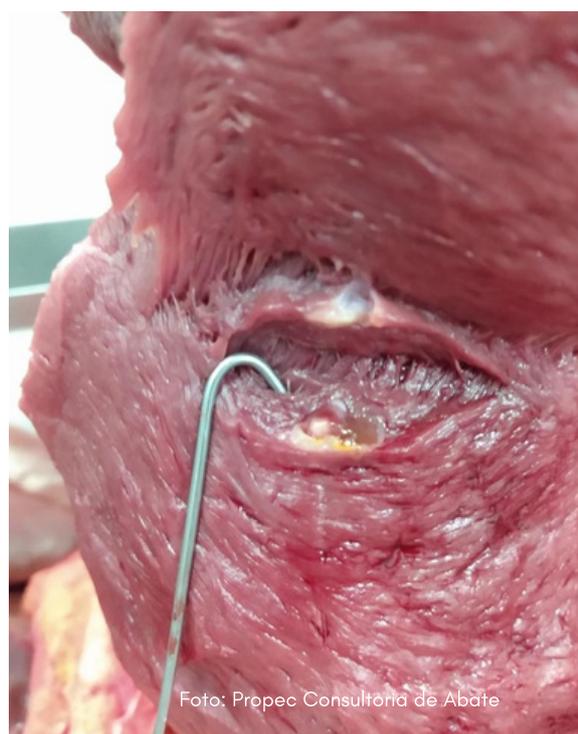
Entendo ser a forma mais eficaz de tratamento, o corte do ciclo evolutivo da Teníase (cisticercose) no hospedeiro definitivo - HOMEM, através de programas desenvolvidos pelo Ministério da Saúde com o apoio do Ministério do Exército através das Ações Cívico Sociais - ACISOs - desenvolvidas pelo Exército Brasileiro, como forma de fazer chegar o tratamento ao humano parasitado ou não, nos mais longínquos rincões do Brasil, aliado a campanhas divulgadas por meio de rádio e televisão com apoio dos postos de saúde nas cidades e vilas, aliados ainda ao desenvolvimento do saneamento básico no país."

Médico Veterinário Luís Antônio Vielmo



PREJUÍZOS QUE A DOENÇA PODERÁ CAUSAR

- Recusa dos frigoríficos em comprar gado de propriedades altamente infectadas;
- Alta presença de cisticercos na carcaça (acima de oito cistos distribuídos nos órgãos de eleição sendo no mínimo quatro nestes e quatro na carcaça) devendo ser condenada pela inspeção sanitária para graxaria (Ver RIISPOA VIGENTE);
- A salga requer ainda uma condição de baixa temperatura , não se usa mais, ou pouco se usa (Ver RIISPOA VIGENTE);
- Baixa infecção por cisticercos (até oito cistos distribuídos nos órgãos de eleição sendo no mínimo quatro nestes e quatro na carcaça), a inspeção destina a carcaça ao aproveitamento condicional para congelamento por no mínimo 10 dias após atingir a temperatura de -10°C na profundidade das massas musculares, gerando custos de armazenamento e geração de frio (Ver RIISPOA VIGENTE);
- Pode levar a perda total das vísceras, sendo essas inutilizadas para consumo;
- A procura e retirada dos cistos desfigura a carcaça a ser aproveitada condicionalmente pelo tratamento pelo frio;
- O congelamento diminui o peso da carcaça e o deprecia na venda ao varejo;
- Quando o destino da condenação é a conserva, salga ou graxaria, ocorrem perdas pelo custo de processamento e de linha de abate.



INSTRUÇÃO NORMATIVA N° 121, DE 26 DE FEVEREIRO DE 2021 – SDA/MAPA

Dafné Didier, 1 de março de 2021.

ESTABELECE PRAZO PARA APLICAÇÃO DO DISPOSTO NO § 2º DO ART. 185 DO DECRETO 9.013, DE 29 DE MARÇO DE 2017, ALTERADO PELO DECRETO N° 10.468, DE 18 DE AGOSTO DE 2020, EM ALINHAMENTO COM O PRAZO ESTABELECIDO PARA A ADEQUAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE ABATE EM REALIZAR CADASTRO DE PRODUTORES E PROGRAMAS DE MELHORIA DA QUALIDADE DA MATÉRIA-PRIMA E DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DOS PRODUTORES.

O SECRETÁRIO DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, no uso da atribuição que lhe conferem os arts. 21 e 63 do Anexo I do Decreto n° 10.253, de 20 de fevereiro de 2020 e tendo em vista o disposto no Decreto n° 9.013, de 29 de março de 2017, nos art. 7º e 9º do Anexo do Decreto n° 5.471 de 30 de março de 2006, e o que consta nos Processos n° 21000.083823/2020-94 e 21000.066876/2020-41, resolve:

Art. 1º Fica estabelecido prazo de 18 (dezoito) meses, a contar da data de publicação desta Instrução Normativa, para aplicação da destinação prevista no § 2º do art. 185 do Decreto n° 9013, de 29 de março de 2017, alterado pelo Decreto n° 10.468, de 18 de agosto de 2020.

§ 1º Dentro do prazo previsto no caput, os estabelecimentos de abate deverão ter implementado o cadastro de produtores e os programas de melhoria da qualidade da matéria-prima e de educação continuada dos produtores, conforme disposto no art. 84-A do Decreto n° 9.013, de 2017.

§ 2º Estabelecimentos de abate em que a ocorrência de *Cysticercus bovis* (cisticercose bovina) foi igual ou superior a 1% em relação ao total de animais abatidos, considerando os dados do ano de 2020, deverão implementar programa de melhoria da qualidade da matéria-prima e de educação continuada dos produtores direcionados à cisticercose bovina no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de publicação desta Instrução Normativa.

§ 3º Dentro do prazo previsto no caput, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento adotará as medidas para atuação em conjunto com os órgãos de saúde para desenvolvimento de ações e programas para mitigação e redução das infecções por *Cysticercus bovis* (cisticercose bovina), conforme disposto no art. 532-A do Decreto n° 9.013, de 2017.

Art. 2º Durante o período estabelecido no art. 1º desta Instrução Normativa, o julgamento para infecções leves ou moderadas por *Cysticercus bovis* (cisticercose bovina) deve ser:

I - quando for encontrado um cisto viável, considerando a pesquisa em todos os locais de eleição examinados na linha de inspeção e na carcaça correspondente, esta deve ser destinada ao tratamento condicional pelo frio ou pela salga, após a remoção e a condenação da área atingida.

II - quando for encontrado um único cisto já calcificado, considerando, todos os locais de eleição examinados, rotineiramente, na linha de inspeção e na carcaça correspondente, esta pode ser destinada ao consumo humano direto sem restrições, após a remoção e a condenação da área atingida.

Parágrafo único. Quando forem encontrados mais de um cisto, viável ou calcificado, e menos do que o fixado para infecção intensa, considerando a pesquisa em todos os locais de eleição examinados na linha de inspeção e na carcaça correspondente, esta deve ser destinada ao aproveitamento condicional pelo uso do calor, após remoção e condenação das áreas atingidas.

Art. 3º Observados os art. 9 e art. 10 da Lei nº 1.283, de 18 de dezembro de 1950, os estabelecimentos de abate registrados nos Serviços de Inspeção dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios devem aplicar as diretrizes dispostas nesta Instrução Normativa.

Art. 4º Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ GUILHERME TOLLSTADIUS LEAL

*Este texto não substitui a Publicação Oficial



Foto: Méd. Vet. Luís Antônio Vielho



Foto: Méd. Vet. Luís Antônio Vielho



Anderson Silva dos Santos

Graduando em Medicina Veterinária/ UFSM

Isabelle da Silva Gass

Graduanda em Zootecnia/ UFSM

Micheli dos Santos Karsten

Graduanda em Zootecnia/ UFSM

Membros do Grupo ENCORTE/UFSM

Referências:

OUROFINO SAÚDE ANIMAL, 2018. Controle e tratamento da cisticercose bovina. Disponível em:

<https://www.ourofino.saudeanimal.com/ourofinoemcampo/categoria/artigos/controle-e-tratamento-da-cisticercose-bovina/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

OUROFINO SAÚDE ANIMAL, 2019. Como reduzir os prejuízos com a cisticercose bovina. Disponível em:

<https://www.ourofino.saudeanimal.com/ourofinoemcampo/categoria/artigos/como-reduzir-os-prejuizos-com-cisticercose-bovina/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

ENGORMIX PECUÁRIA DE CORTE, 2010. Cisticercose - Um assunto de saúde humana. Disponível em: <https://pt.engormix.com/pecuaria-corte/artigos/cisticercose-bovina-saude-t36952.html>. Acesso em: 18 abr. 2022

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2021. INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 121, DE 26 DE FEVEREIRO DE 2021 - SDA/MAPA. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-121-de-26-de-fevereiro-de-2021-305671061>

MAPA 1952. Decreto n. 30691. 1952. 381 f. Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal - Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal, Secretaria de Defesa Agropecuária, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Brasília.



RUA EDMUNDO BISCHOFF, N° 150 - RESTINGA SECA/RS



FONE: (55) 99973 6603



ATENDENDO A REGIÃO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL COM TODA A LINHA DAS MARCAS:



NEGÓCIO FECHADO

O primeiro app **exclusivo** de compra e venda de bovinos e ovinos com **certificação**

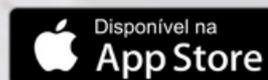


Faça suas transações pelo aplicativo e promova seus negócios em todo o Brasil!



CADASTRO GRATUITO

Baixe agora!



WWW.NEGOCIOFECHADO.APP

@negociofechado.app @Negócio-Fechado



Ferreira & Pedrotti
Agronegócios e Remates

SRG
SINDICATO RURAL
GUAÍBA - RS

Confiança e credibilidade
a serviço do produtor

A Ferreira e Pedrotti tem quase uma década de existência e de trabalho com a comercialização de bovinos.

Sempre pensando em crescer e inovar, a empresa assumiu no final de 2021, uma das mais conceituadas praças de negócios do Rio Grande do Sul, o tradicional palco de remates Ernesto Costa Gama, no Sindicato Rural de Guaíba.

Com localização e logística privilegiadas para seus clientes, a empresa vem realizando remates mensais com grandes volumes de animais comercializados, tanto no recinto em Guaíba, como também de maneira virtual através de seu canal no Youtube.

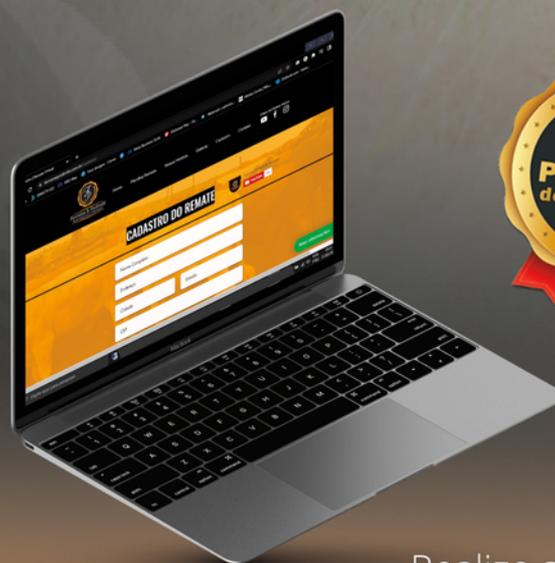
O escritório tem sede no Sindicato Rural de Guaíba, para melhor atender clientes e amigos, sempre com muita seriedade, profissionalismo e muito respeito pelo produtor rural.

Contamos com a presença de todos para juntos mantermos a pecuária gaúcha em evidência!

Ferreira e Pedrotti! A certeza de que os melhores negócios passam por aqui!

Siga nossas páginas:

  **ferreiraepedrotti**



Emerson Ferreira **Angelo Pedrotti**
(51) 99709-0548 (51) 99912-2511

Realize seu cadastro
em nosso site:

www.ferreiraepedrotti.com.br

— PROMOÇÃO —
Investir
É PARA
todos

PARTICIPE! DE 1º DE JUNHO A 31 DE JULHO.

Invista em Conta Capital, Poupança, RDC,
LCA, LCI e **concorra a 5.300 vales-poupança**
de R\$ 1 mil, R\$ 10 mil e R\$ 30 mil.



SÃO
R\$ 10 MILHÕES
EM PRÊMIOS.

INVISTA E PARTICIPE!
CONSULTE O REGULAMENTO EM:
SICOOB.COM.BR/PARATODOS

**Essa é a sua chance de
dobrar o valor investido!**

SICOOB. MAIS QUE UMA ESCOLHA FINANCEIRA.

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Capitais e regiões metropolitanas: 4000 1111

Demais localidades: 0800 642 0000

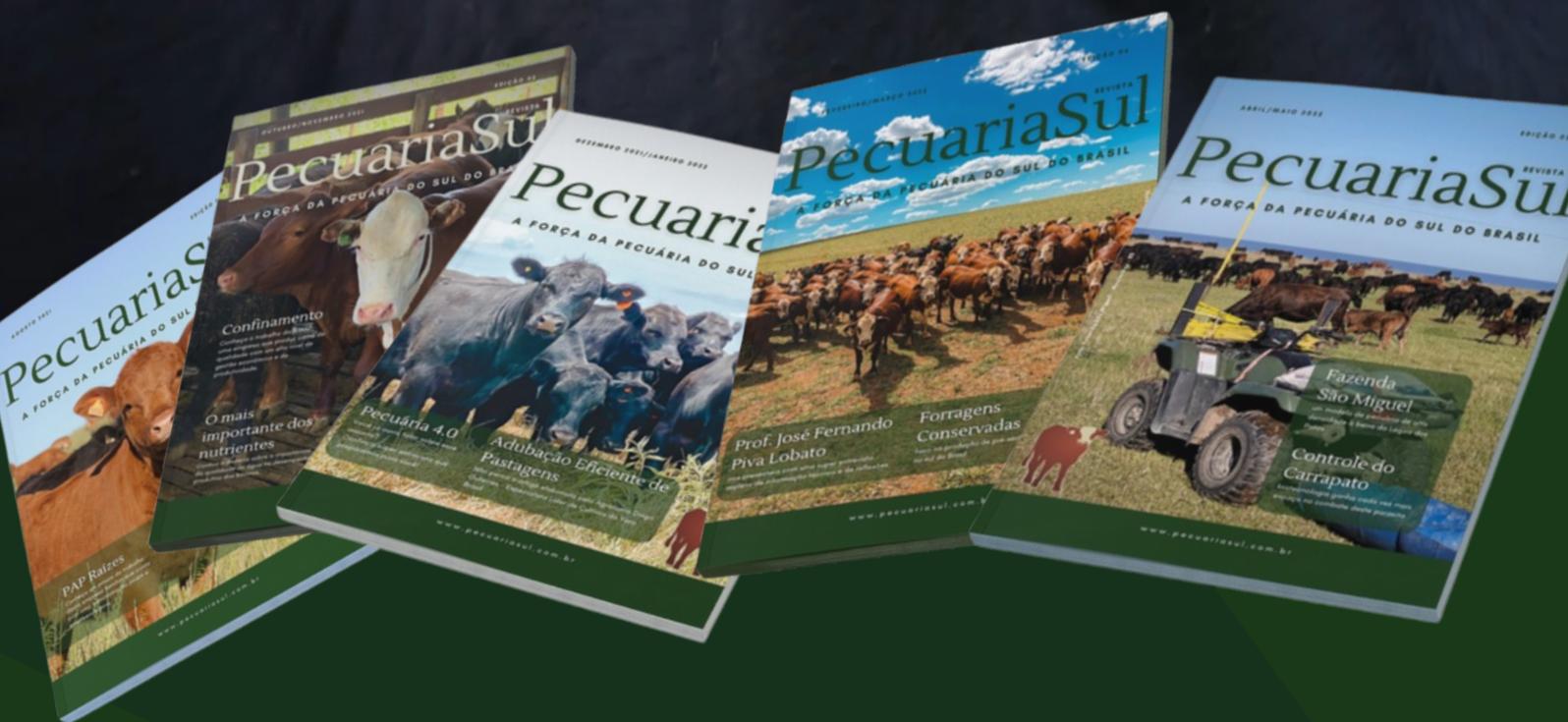
SAC 24 horas: 0800 724 4420

Ouvidoria: 0800 725 0996 - de seg. a sex., das 8h às 20h - ouvidoriasicoob.com.br

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 - de seg. a sex., das 8h às 20h.

 **SICOOB**

**ESTE ESPAÇO ESTÁ
RESERVADO PARA
SUA EMPRESA.**



A Revista PecuariaSul vem se consolidando cada vez mais como fonte de informação técnica de qualidade, numa linguagem prática e objetiva para o produtor rural.

Traga sua marca para a PecuariaSul e atraia os olhares de milhares de produtores rurais que já acessam nossas publicações digitais e impressas!

**VENHA CONOSCO!
JUNTOS SOMOS MAIS
PECUARIASUL!**

**SOLICITE UM ORÇAMENTO
PELO NOSSO WHATSAPP**



51 999 77 08 41



Foto: Equipe PecuaríaSul

UTILIZAÇÃO DE UREIA NA ALIMENTAÇÃO DE RUMINANTES

Quando conversamos sobre ureia na nutrição de bovinos, entre pecuaristas ou mesmo entre técnicos que trabalham com nutrição, percebemos distintas reações que vão desde a descrença, passando por receio e é claro, encontramos também uma grande parcela de entusiastas, que com certeza já dominam a utilização deste nutriente como fonte suplementar de proteína na dieta. Por isso, resolvemos trazer este tema, com a intensão de ampliar a discussão e o entendimento entre os leitores da Revista PecuaríaSul.

No entanto, antes de falarmos sobre os aspectos nutricionais da ureia, é importante que tenhamos uma visão mais ampla, inclusive sobre seu processo de fabricação.

BREVE HISTÓRICO

A molécula da ureia foi descoberta ainda no século XVIII, mas foi apenas em 1828 que o químico alemão Friedrich Wöhler conseguiu sintetizá-la em laboratório. Porém, o real entendimento de seus aspectos nutricionais em bovinos ocorreu já no século XX, durante a década de 30 nos Estados Unidos e em 1940 sua utilização foi aprovada pela AAFCO (Association of American Feed Control Officials).

Contudo, a utilização comercial da ureia na dieta dos bovinos teve um avanço extremamente lento, pois trouxe consigo os problemas de intoxicação que conhecemos e que causam receio nos pecuaristas até os dias de hoje. É claro que vamos falar mais sobre isso na sequência deste artigo!

PRODUÇÃO DE UREIA

A produção de ureia está estreitamente atrelada a produção de petróleo. Pois o gás natural (um dos derivados do petróleo) é o principal componente energético deste processo. Para fabricar a ureia é necessário primeiro produzir a amônia, que é obtida a partir da mistura de vapor d'água, nitrogênio (capturado do ar por enormes compressores) e principalmente gás natural.

Num segundo momento a amônia recebe gás carbônico, proveniente da queima do gás natural, para só então se transformar em ureia. Esta ureia é distribuída, ainda na fase líquida no alto de uma torre, encontra o ar em contracorrente e chega na pilha já em estado sólido.

UREIA FERTILIZANTE OU GRANULADA

A ureia é o principal fertilizante nitrogenado utilizado na agricultura brasileira. A concentração de nitrogênio (N) da ureia fica entre 44 e 46%. Este produto tem uma alta tendência higroscópica (tende a absorver umidade do ar) e se solubiliza com facilidade. Por isso, toda a ureia destinada a agricultura passa por um processo de endurecimento do grão, onde o produto recebe a adição de um composto químico que contém principalmente o formol e o polivinilacetato (PVA), com o objetivo de que este produto suporte um maior tempo de armazenagem e de mistura com outros minerais (NPK). Além disso, a dureza e a resistência do grão também influem consideravelmente para um melhor comportamento na aplicação e para uma solubilização mais lenta do nitrogênio, aumentando seu aproveitamento pelas plantas.

UREIA INDUSTRIAL

São inúmeras as utilizações industriais da ureia. Entre os exemplos, este produto é utilizado como matéria prima na indústria de móveis, na indústria têxtil, na indústria automotiva, na produção do ARLA (Agente Redutor Líquido Automotivo), que serve para reduzir a emissão de poluentes dos motores a diesel e até mesmo na indústria cosmética. A ureia industrial é comercializada na sua forma ou granulometria natural, também chamada de ureia perolada ou ureia prill e não passa pela adição de outros componentes assim como a ureia pecuária.

UREIA PECUÁRIA

A ureia destinada para a alimentação dos bovinos precisa ter seu grau de pureza comprovado e documentação específica emitida pelo MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento). Trata-se de uma matéria prima destinada a indústria de alimentação animal e por isto, não pode conter contaminantes ou resíduos tóxicos. O padrão granulométrico da ureia pecuária segue o padrão original da ureia sem aditivos (ureia perolada ou ureia prill).

VALOR NUTRICIONAL

Partindo do básico, devemos entender que a utilização de ureia na alimentação de bovinos tem o objetivo específico de suplementar **PROTEÍNA**. Sim, a ureia chega no rúmen e é transformada em proteína pela flora ruminal, a chamada **proteína microbiana**. Impossível não ficar impressionado com a capacidade que tem os bovinos de produzir proteína e transformá-la em carne, utilizando compostos que seriam tóxicos para os monogástricos.

A ureia também é chamada de **Nitrogênio Não Proteico (NNP)** pelos nutricionistas e isso significa dizer que se trata de um composto químico precursor de proteína e não de um composto de aminoácidos como na proteína presente no pasto ou nos grãos, chamada de **proteína verdadeira**.

Da mesma maneira que avaliamos os alimentos quanto ao seu nível de proteína, devemos entender o quanto de proteína a ureia produz no rúmen para fins de comparação. Na prática, cada ponto percentual de nitrogênio (N) presente na ureia, deve se transformar em 6,25 pontos percentuais de proteína na dieta. Isso significa dizer que 100 gramas de ureia equivalem a 281 gramas de proteína bruta na dieta (Ureia 45% de N X 6,25 = 281,25). Enquanto isso, as mesmas 100 gramas de farelo de soja (um dos ingredientes mais proteicos disponíveis) aportam apenas 46 gramas de proteína bruta na dieta.

PONTOS DE ATENÇÃO

Nem tudo são flores quando se fala em ureia para bovinos! Quem chegou até aqui já deve ter percebido que a ureia possui alta solubilidade, que aliada à sua alta concentração de nitrogênio pode se tornar tóxica se ingerida em quantidade maior do que a capacidade que as bactérias do rúmen têm de degradar (transformar em proteína) este produto.

Por isso, a adaptação dos animais é sem dúvida o ponto chave do sucesso e deve levar pelo menos 15 dias com a oferta sendo aumentada gradativamente em duas ou até três etapas, para que as bactérias responsáveis por este serviço tenham tempo de se multiplicar com o passar dos dias. Ainda assim, é importante ressaltar que o fornecimento de ureia deve ocorrer de maneira suplementar, melhorando a qualidade proteica da dieta como um todo e não como principal fonte de proteína.



Foto: Equipe PecuariaSul

Pasto seco, de baixa qualidade, mas em boa quantidade. Situação ideal para garantir desempenho animal com a utilização da ureia.

A ureia pode ser fornecida misturada ao sal mineral, na ração ou mesmo na mistura de dieta total juntamente com o volumoso. No entanto, jamais deve ser fornecida pura. A quantidade máxima de ureia indicada na dieta pode variar em função da maneira como ela é oferecida, pois é mais seguro suplementar doses mais altas de ureia numa mistura total da dieta com volumoso e concentrado, do que num suplemento mineral fornecido num cocho por exemplo, onde os animais podem consumir maior quantidade deste produto conforme sua avidéz.

De maneira geral, não é indicado que se utilize dosagens maiores que 40 gramas de ureia para cada 100 Kg de peso vivo e também é importante trabalhar com um limite de 200 gramas mesmo para animais muito pesados. Os cochos devem ser cobertos e se possível com drenos para evitar acúmulo de água, lembrando que a ureia é muito solúvel e o animal pode acabar bebendo água empossada no cocho e se intoxicar.

A indicação de uso não exclui animais jovens, desde que já tenham seu rúmen funcionando.

Neste sentido, também é importante lembrar que a ureia causa intoxicação nos monogástricos e por isso, deve-se ter cuidado principalmente que os equinos não tenham acesso.

POSSO UTILIZAR UREIA AGRÍCOLA NA NUTRIÇÃO DOS BOVINOS?

Esse é um questionamento muito comum entre pecuaristas e até mesmo entre profissionais que trabalham com nutrição, pois a ureia agrícola é geralmente mais barata que a ureia pecuária por conta de sua escala de produção e maior oferta por consequência. No entanto, **a resposta é NÃO! É proibido!** E tem um motivo claro para isso. Você que leu esse artigo já sabe. A ureia agrícola contém **FORMOL e PVA**, que são tóxicos, cancerígenos e deixam resíduos na carne e vísceras. Por isso, fique atento a origem da ureia que seu gado está consumindo!

Um forte abraço e até a próxima edição!





Nossos Parceiros

UMA LONGA JORNADA PRECISA SER PERCORRIDA EM GRUPO



Ferreira & Pedrotti
Agronegócios e Remates





REVISTA
PecuariaSul



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br

www.pecuariasul.com.br